

DADOS RELATIVOS À HISTÓRIA DA FREGUESIA DE ABRÃ

Conhecida, em tempos, como *Abrãa*, esta Freguesia foi criada em inícios do Séc. XVII, fazendo parte, anteriormente da freguesia e concelho de Alcanede. Continuou a pertencer ao Concelho de Alcanede até 24 de Outubro de 1855, data em que com a extinção deste, passou para o Concelho de Santarém.

O nome da freguesia, Abrã, deriva da palavra árabe *Abãra*, que significa entrada ou embocadura, caminho e porto.¹

A freguesia foi criada em 10 de Agosto de 1621, alcançando a provisão de El-Rei como Mestre de Avis, por intermédio do fidalgo Jorge Coelho de Andrade, como referiu Simão de Froes Lemos (natural da vila de Pernes, onde nasceu em 31/08/1675), em 1726:

«[...] tinham os seus moradores huma ermida antiga de Santa Margarida fora do lugar, e nella tratarão de fazer freguezia p.^a o que alcançarão Provizão del Rey como Mestre de Avis passada por Jorge Coelho de Andrade aos dez de Agosto de 1621, e fizerão sua escritura de contracto com o Prior de Matris que então era Frey António Cabral, feita por António Morgado notario Apostolico morador em Pernes em o primeyro dia de mayo de 1621, e que tudo está no Cartório da Igreja de Alcanede, e nesta ermida tiverão a sua freguezia nestes primeyros annos, e logo tratarão de fazer nova Igreja mayor [...] da mesma invocação de Santa Margarida, e no anno de 1629 se disse a primeira missa nella [...] a qual missa disse o Padre Frey Francisco Segre, Prior de Alcanede, que benzeo a dita Igreja»²

O Povo da Sede da Freguesia mandou construir, anos depois, a Igreja da Invocação de Santa Margarida, onde, numa 4ª feira, dia de São Tomé, a 21 de Dezembro de 1629, celebrou a primeira missa o Padre Frei Francisco Segre, prior de Alcanede.

¹ “Freguesias do concelho de Santarém”, in *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, 1937-1940, Lisboa, Oficinas Bertrand, 1940, p. 515

² Simão Froes de Lemos, *Notícia Histórica e Topographica da Vila de Alcanede*, (obra policopiada), 1726, pp. 27-28

O pároco era cura, sendo apresentado pelo prior da vila de Alcanede. Se um morador fosse casado ou viúvo, pagava-lhe um alqueire de trigo, meio almude de mosto e uma canada de azeite, se fosse viúva pagava-lhe metade.

A freguesia possuía três ermidas: uma no lugar de Espinheiro, dedicada a São Bernardo e Nossa Senhora da Encarnação, outra no lugar do Canal, dedicada a São Silvestre e outra em Amiais de Cima, dedicada à Santíssima Trindade. Estas duas últimas ainda hoje se conservam, fazendo parte do património monumental da freguesia, que em 1861, compreendia 169 fogos³ (mais 19 que em 1758).

A Igreja Matriz de Santa Margarida foi construída em 1629, a expensas do povo. É um templo de fachada simples, figurando na porta principal, a data de 1629. Por cima da porta possui uma janela e uma torre sineira. O seu interior é de uma só nave, com tecto de madeira de três planos, restaurado em 2001. Possui um altar-mor, que tem na parte lateral a imagem de Santa Margarida e do Mártir São Sebastião e na parte de trás um trono, que era utilizado antigamente para a colocação de uma custódia. Possui ainda dois altares laterais, onde figuram o sagrado Coração de Jesus, o Coração Imaculado de Maria, a Nossa Senhora de Fátima e o Santo António.

O tecto da capela-mor é abobadado, tendo no centro uma custódia, rodeada de quatro círculos rendilhados, em gesso pintado a ouro velho. O corpo principal do templo é guarnecido por um silhar de azulejos do tipo padrão, azuis e amarelos, também do Séc. XVII, com painéis embutidos, onde figuram dois quadros em cerâmica que representam Santo António e Nossa Senhora do Rosário.

O púlpito com pilares de caneluras e o coro da Igreja, são datados da fundação da Igreja (1629), enquanto que o baptistério tem a data de 1636. É também digno de registo um Cristo de marfim sobre Cruz de madeira.

A sede desta freguesia divide-se em duas partes, designadas por *Abrã-Grande* e *Abrã-Pequena*. Nas primeiras décadas do Séc. XVIII, *Abrã-Grande*, cujas primeiras habitações foram construídas no local conhecido pelo nome de Sôjo do Vale, contava 61 fogos e *Abrã-Pequena* apenas 32.

Esta freguesia, após a sua criação, abrangia os seguintes lugares: Amiais de Cima, com 42 fogos; Canal, com 36 fogos; metade do Espinheiro, com 13 fogos; e ainda os casais da Coutada, Cortiçal e Vale Florido.

A povoação do Espinheiro pertencia às freguesias de Abrã e Malhou, cabendo metade a cada uma delas. Assim, a linha divisória das freguesias supracitadas passava por cima de várias habitações, o que provocava algum incómodo aos seus

³ Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, "Abrã", in *Dicionário Geográfico de Portugal*, Porto, Em casa da Viúva Moré, 1862

moradores. O Decreto n.º 15.219, de 23/03/1928, elevando o Espinheiro à categoria de freguesia, acabou com esta anomalia.

Anteriormente a 10 de Agosto de 1621, todos estes lugares estiveram integrados na freguesia da Louriceira, considerada uma das mais antigas desta zona ribatejana. Esta freguesia, desde longínquos tempos, já pertenceu a quatro concelhos: Alcanede, Pernes, Santarém e Alcanena. Destes foram suprimidos os concelhos de Alcanede e Pernes, em 1855.

Próximo de Abrã, existe um ponto culminante denominado *Cabeço da Guarita*, de onde se desfruta de um soberbo panorama e de onde se avistam terras de 14 concelhos. Nos tempos em que escasseavam as estradas e ainda não circulavam os comboios, os caminhantes vindos do litoral para o interior e da região de Leiria para o litoral, passavam por Abrã, onde num planalto próximo, existia um pinheiro manso de grandes dimensões, que servia de guia a estes forasteiros.

Num espaçoso vale designado pelo nome de *Outeiro do Moinho*, situado nas proximidades do Canal e Amiais de Cima, presume-se ter existido, em tempos remotos, uma povoação importante, consequência de se terem encontrado à já alguns séculos, vários objectos caseiros, alicerces de casas de habitação, telhas em grande quantidade, pedras miúdas e ainda moedas de valor. Na voz do Povo existiu ali uma povoação que deveria ter caído, devido a um Tremor de Terra. Num local vizinho, existem umas terras a que o povo chama de *Capelas*, porque se supõe que ali tenha existido uma Capela. Aqui D. Afonso Henriques pretendeu construir um castelo. Se este desejo se tivesse concretizado, o castelo de Alcanede não existiria, conforme escreveu Simão Froes de Lemos, em 1726. As tropas de D. Afonso Henriques, sob o comando de Mem Ramires, vindas de Coimbra, com destino à conquista de Santarém aos Mouros, em Março de 1147, passaram por Abrã e ficaram uma noite no sítio designado pelo nome de Carreirinhos, a fim de, na madrugada imediata, poderem cortar a madeira necessária à confecção das escadas destinadas ao escalamento das muralhas do Castelo de Santarém. Abrã, nessa altura chamava-se *Ebráas*, em seguida designou-se pelo nome de *Abãra* e *Abrãa*.

O nome **Amiais de Cima** resultou, segundo várias opiniões, de nas suas imediações, terem existido bastantes amieiros e devido ao facto de existirem dois lugares vizinhos com bastantes árvores desta espécie, o povo deu a um o nome de Amiais de Cima e ao outro o nome de Amiais de Baixo. Nestas duas povoações e arredores, verifica-se uma assimetria de cores, de sons e de disposições em tudo o que se observa e sente.

Também em termos históricos o lugar de Amiais de Cima teve a sua participação. Vindas de Coimbra, as forças do 1º Rei de Portugal, passaram por Amiais de Cima e outras terras desta zona, com destino à conquista de Santarém aos Mouros. Na memória do povo de Amiais de Cima, ainda hoje se conserva a passagem dos franceses, sob o comando do General Massena, em 1810. Parte do povo, para escapar às atrocidades que as tropas francesas, normalmente, infligiam por onde passavam, foi obrigado a refugiar-se nos confins da Serra d'Aire e Candeeiros. Para além disso, os habitantes, temendo que os franceses se apoderassem das cruzes de prata pertencentes à antiga capela da Santíssima Trindade, tiveram o cuidado de as esconder no telhado do referido templo. Conta-se que os franceses ainda destaparam o telhado, na esperança de encontrar algo valioso, acabando por deixar só três carreiras de telhas, sendo, precisamente, aí que se encontravam as cruzes. Essas cruzes ainda hoje são utilizadas nas procissões e funerais. Também não se pode esquecer o facto de dois moradores do lugar terem arriscado a vida ao contribuírem na participação de Portugal na I Guerra Mundial (1914/1918), foram eles José Brás (vulgo Zé Becho) e José Tomás, que regressaram ambos com vida.

Segundo contam os mais antigos, a povoação de Amiais de Cima desenvolveu-se a partir da zona onde se encontra a Capela da Santíssima Trindade, que foi construída, pelo povo, em 1733, sendo depois restaurada, também pelo povo, em 1979, e cujas imagens religiosas foram também restauradas em 2001/2002, o que se deve ao empenhamento do Pároco da Freguesia, Padre António Pereira e à colaboração monetária de todos. Foi o Povo que construiu também a Escola Primária da povoação, que data de 1916.

Quanto a factos mais recentes, convém referir o nome do industrial da terra, Joaquim José Louro Pereira, que para além do desenvolvimento económico que trouxe a toda a freguesia e ao concelho em geral, mandou construir a Capela Mortuária de Amiais de Cima, oferecendo-a ao Povo a 09 de Janeiro de 2000, dia dos festejos anuais em Honra da Santíssima Trindade, com a benção do Padre Garcia. Também a Escola do 1º Ciclo e o Jardim de Infância de Amiais de Cima foram construídas por este industrial e oferecidos ao Município de Santarém para serem incluídos na rede oficial do Ministério da Educação. A inauguração teve lugar no início do ano lectivo 2007/2008, em Setembro e contou com a bênção do Senhor Bispo de Santarém, D. Manuel Pelino Domingues.

Entre os lugares de Abrã e Amiais de Cima, encontra-se um espaçoso vale conhecido como *Regueiras*, por onde, de harmonia com o 1º traçado da estrada nacional 361, esta deveria passar. Ou seja, na parte compreendida entre Alcanena e

Alcanede, o traçado original determinava que esta deveria passar pelos Olhos de Água, Amiais de Baixo, Canal e Abrã. A influência do Conde de Monsanto, que desejava defender os interesses da sua terra natal, determinou que assim não fosse e que esta estrada passasse por Amiais de Cima e Monsanto, o que foi decisivo para o desenvolvimento das duas localidades.

Amiais de Cima é, de facto, bastante industrial, destacando-se as indústrias de curtumes, de mobiliário e a cerâmica. Este espírito empreendedor só tem beneficiado a população, pois para além do que já foi referido, alguns empresários têm colaborado no alcatroamento das ruas da freguesia.

Relativamente à **Coutada**, conta-se que nos princípios do Séc. XVII, foi desterrado, em consequência de ter cometido um crime grave, um grande fidalgo para o pequeno lugar de Coutada de Cima. Este tem esta designação devido ao facto de ser uma coutada de caça, onde havia lebres, coelhos, perdizes, rolas, pombos bravos e outras aves. Também havia raposas, ginetes e texugos. Foi neste local que o referido fidalgo viveu isolado durante alguns anos, constituiu família e morreu. Da casa onde viveu ainda hoje existem restos.

Outro lugar da freguesia de Abrã é o **Canal**. A fundação deste lugar, segundo reza a tradição, remonta a tempos longínquos.

Próximo do lugar que já foi referido, designado por *Capelas*, encontra-se o Casal de S. Sebastião, que viria mais tarde a chamar-se Casal das Capelas, isto porque os moradores deste lugar iam buscar água a uma bica que fizeram, colocando uma cana no meio de pedras. Como as pessoas gostavam muito dessa água deram ao Casal o nome que já tinham dado às terras onde se encontrava a bica (Capelas). O Casal das Capelas era constituído por seis moradias, que se encontram actualmente em ruínas

O Canal fica, então, situado a 700 metros do Casal das Capelas. Não se sabe ao certo porque é que aquelas pessoas se mudaram de um sítio para o outro, no entanto, supõe-se que tenha sido, devido ao facto de haver um vale, por onde passa um pequeno ribeiro, o que faz com que as terras sejam mais férteis, melhores para a construção e mais acessível para estabelecer contactos com povoações vizinhas. Quanto ao nome, Canal, e segundo reza a história, prende-se com o facto de ali passar um cano com água para os campos vizinhos

Por aqui também passaram as tropas francesas, em 1810, tendo causado múltiplos danos, destacando-se a destruição de uma importante azenha, pertencente à família Camões de Abrã, num local conhecido como *Pucariça*.

No Canal existe uma ermida muito antiga em louvor de São Silvestre, que é bem conhecida pelos povos de lugares vizinhos. Nos dias 31 de Dezembro e 1,2 e 3 de Janeiro seguinte, realizam-se os festejos em honra de São Silvestre, nos quais era tradição que os proprietários de gados ovino, caprino, bovino e muar, os levassem a dar voltas em redor da capela, deixando na capela, depois de cumprirem as promessas, as respectivas esmolas.

Esta povoação, desde os princípios do Séc. XX, tem vindo a desenvolver-se, tendo para isso contribuído a estrada municipal que liga Abrã a Amiais de Baixo.

A Povoação do **Cortiçal** deve o seu nome ao facto de, há séculos terem existido nas suas imediações numerosos cortiços de abelhas, situação que ainda hoje em dia se mantém.

Por aqui passaram as forças de D. Afonso Henriques, vindas de Coimbra, com destino à conquista de Santarém aos Mouros, em Março de 1147, bem como as tropas francesas, em 1810, tendo causado inúmeros danos. O povo, para escapar à morte, foi obrigado a refugiar-se nas grutas mais próximas, situadas na Serra d'Aire e Candeeiros. Também as epidemias de cólera e febre amarela, que se registaram em Portugal durante o reinado de D. Pedro V, causaram nesta região muitas mortes, de tal forma que parte dos corpos teve que ser sepultada nos terrenos vizinhos às povoações.

Os costumes dos habitantes, durante o Séc. XIX e início do Séc. XX eram bastante característicos. Os casamentos, no geral, obedeciam a preceitos. Nestas festas, com a duração de três dias, chegavam-se a matar bezerros para oferecer aos convidados, o que, na maioria dos casos, ainda hoje acontece, e a música das filarmónicas ouvia-se dia e noite. A luz do sol servia de relógio a toda a população, havendo ainda hoje um exemplar de um relógio de sol, embora em mau estado de conservação, situado na Primeira Casa do Cortiçal.

De facto, a povoação do Cortiçal teve o seu início, precisamente na construção de uma casa, conhecida como a *Casa do Alpendre*. Essa casa foi construída por volta de 1780 ou 1680 (?)⁴ por Manuel da Costa, casado com Rosa Maria (naturais do Vale Florido) e que possuíam todas as terras que abrangiam o que se conhece hoje por

⁴ Não existem certezas quanto à data, porque existem duas versões contraditórias:

- No livro de Albertino Henriques Barata, "Notícias históricas sobre o concelho de Santarém", in, *Colecção Cadernos Culturais*, 1992, Divisão de Cultura, Desporto, e Tempos livres da Câmara Municipal de Santarém, pp. 21-27, diz-se que na altura da criação da freguesia já existia o casal do Cortiçal, então a construção da casa seria do Séc. XVII;
- No artigo de M. A. Louro, "A História de uma Rosa que deu Louros", in *Arauto*, n.º 3, 08/04/1995, diz-se que pelo número de gerações da família que construiu a casa, a data de construção seria do Séc. XVIII.

Cortiçal. Estes tiveram uma filha que casou com José Francisco Louro, nascido no Cabeço das Pombas, em 1788, e que combateu contra a invasão dos franceses na 1ª década do Séc. XIX. Durante o tempo que cumpriu o serviço militar aprendeu a ler e a escrever, tornando-se no único alfabetizado de toda a região. Por este motivo foi nomeado Juiz de Paz, função que exercia na Vila de Alcanede. José Francisco Louro ficou a residir na *Casa do Alpendre*, que passou por diversas mãos e funções, tendo servido de Escola Primária até 1923, altura em que se construiu um edifício para o efeito. Ainda hoje a Primeira Casa do Cortiçal está de pé, tendo deixado de ser habitada em 2007.

Quando se fala do Cortiçal, convém referir que é uma povoação cujos habitantes possuem um notável espírito empreendedor. A construção do edifício escolar levado a cabo pelo povo em 1923, testemunha o esforço dos naturais daquele lugar. A comissão empreendedora deste melhoramento era constituída por João Francisco Louro, Francisco Constantino Louro, José Francisco Louro, Manuel Constantino Louro, Manuel Louro Júnior, Manuel João Louro e pelo Prof. Albertino Henriques Barata, que foi também o fundador da escola, tendo inclusivamente o seu nome gravado numa lápide situada numa das paredes do edifício. Actualmente este edifício faz parte do n.º de Escolas encerradas pelo Ministério da Educação, sendo as crianças do Cortiçal transportadas para a nova Escola de Amiais de Cima. Será conveniente referir, ainda, os nomes dos soldados Joaquim Louro e Teófilo dos Santos, naturais respectivamente do Cortiçal e do Vale Florido, que perderam a vida defendendo a pátria. O primeiro, em França durante a I Guerra Mundial e o segundo, em idênticas circunstâncias, mas em Moçambique contra a Alemanha. Para além destes, participaram ainda neste conflito, António Louro (Carpinteiro) e Isidro, ambos do Cortiçal.

Quando se fala em soldados, naturais da freguesia de Abrã, que representaram o país em conflitos internacionais, convém focar o facto de terem sido vários os que participaram na Guerra Colonial, na Índia, Angola, Guiné e Moçambique, mas mais importante que este, foi o facto de, felizmente, todos terem regressado com vida.

O desenvolvimento deste lugar começou nas primeiras décadas do Séc. XX, com a introdução de um autocarro diário para Santarém, benefício que se deve a Francisco Roque, e com a inauguração da estrada municipal, em 1940, que tornou mais curta a distância entre o Cortiçal, Amiais de Cima e Amiais de Baixo e a partir daí para o resto da região. Actualmente destaca-se a indústria da extracção de pedra, a agricultura e alguns serviços de transporte.

A umas escassas dezenas de metros do Cortiçal, fica situado o pequeno lugar de **Vale Florido**, constituído apenas por uma única rua. Essa rua divide

as Províncias do Ribatejo e Estremadura; os Distritos e as Dioceses de Santarém e Leiria; os Concelhos de Santarém Porto de Mós e Alcanena; e as Freguesias de Abrã, São Bento e Louriceira. Esta divisão é raríssima, e acentua-se com o facto de haver uma casa de habitação, precisamente neste enclave, o que provoca a situação anómala de, quase se poder dizer que cada assoalhada está situada numa freguesia, fazendo com que o seu proprietário *Zé d'Itália*, faça cada tarefa doméstica num concelho diferente.